

## **HABITAÇÃO: JOGOS DE PRODUÇÃO DO COMUM E O EXTRAORDINÁRIO DA ARTE**

Isabela Frade / Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Irene Amarante Pereira / Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **RESUMO**

Explorando diálogos entre a filosofia do Belo de Kant e as estratégias de modelagem de espaços comuns, questionamos a natureza extraordinária da arte e o estatuto do gosto como princípios para um gesto de aproximação entre sujeitos da alteridade. Os espaços da universidade (UERJ) e da comunidade (Mangueira) se aproximam nesse vínculo, reunidos a partir da ocupação engajada no espaço comunitário, investindo em um núcleo de convivência pela produção de narrativas comuns.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Kant; beleza; comunidade; arte; filosofia.

### **ABSTRACT**

Exploring dialogues between the Philosophy of Beauty based in Kant's theories and modeling strategies for common spaces, we question the extraordinary nature of art and the status of taste as principles for an approaching gesture between subjects of otherness. The spaces at the university (UERJ) and at the community (Mangueira) approach this link, gathered from the engaged occupation in the community space by investing in a daycare center for the production of common narratives.

### **KEYWORDS**

Kant; beauty; community; art; philosophy.

## **Espaços de produção do comum: entre o belo e o abjeto, o ordinário e a arte**

### **A imundície como estratégia de defesa e de ataque**

Neste começo de ano, com a grande crise que envolveu as universidades públicas brasileiras e, em especial a UERJ, que passou a ter seu cotidiano alterado por sucessivas paralisações, mobilizando a mídia nacional, nosso espaço acadêmico foi intermitentemente invadido pelo lixo. Com os salários atrasados, os agentes de limpeza não puderam atender a demanda do intenso fluxo de pessoas e, ainda que se organizassem em turnos especiais para cobrir as ausências do quadro geral, esse serviço, sendo insuficiente, provocou o acúmulo de lixo nas salas e corredores, tornando-o desconfortavelmente próximo de uma situação vivida na favela vizinha: quando menos esperávamos, o lixo era o nosso chão. Ainda que a gestão da universidade reagisse com vigor ao problema, ainda assim, o lixo se tornava uma incômoda presença, ao transbordar dos cestos e latas, invadindo espaços de trabalho e de circulação. Incomodados, em dezembro do ano passado, um grupo de alunos derramou os cestos de lixo por todo o campus, deflagrando uma situação crítica e provocando a suspensão do semestre letivo. A imagem abaixo mostra esse momento e deixa ver que os resultados desta ação de protesto atingiram os portões e o lixo espalhado se entendeu até a rua. Esta surpreendente ação deflagrou uma situação na qual estivemos mais próximos da favela, quando passamos a vivenciar o nosso próprio lixo, o que nos levou a indagar mais profundamente sobre a sua natureza social. Em uma obra sensível a essa questão, Michel Serres (2011) desenvolve o entendimento sobre a identidade entre a agressividade e ato de sujar e realizar, assim, violentamente, a ocupação do espaço circundante, referindo-a à posse individual sobre o espaço comum. Estudáramos esse postulado sob a perspectiva de personagens estranhos à favela, como pesquisadores da universidade em busca de entendimento mais consistente sobre a força produtora do lixo que teima em espalhar-se, demarcando quase todo espaço comum das suas zonas livres. Agora, no entanto, vivemos com esse problema em âmbito interno e partimos deste desconforto, para nos colocarmos como sujeitos que pensam a beleza e a arte como forças motrizes capazes de irromper outros sentimentos acerca do ambiente compartilhado. Do sentido abjeto do lixo manifestado pela comunidade acadêmica, do qual ouvimos muitos depoimentos como “deprimente” e “nocivo” em

imagens como: “parece que houve uma guerra”, “deves ser assim o fim do mundo” ou “pandemônio” e ainda “este é o triste fim da UERJ”; as imagens drásticas revelam o sentido do enorme desconforto agravado pela sua improvável e insuspeitável condição. Éramos todos surpreendidos pela rápida transformação do espaço universitário e pela agressiva atitude dos alunos. Igualmente, na favela, os sujeitos caminham resignados sobre espaços acumulados dos refugos, tendo que aceitar essa diferença que se dá sobre o marco do imundo com o espaço limpo da cidade. É esse o contexto de nossos caminhos reflexivos, nossa moldura condicionante que nos leva a pensar sobre a relação afetiva com o espaço circundante desenvolvida tanto lá quanto cá. Neste sentido, avaliamos nossos esforços de construção de uma zona de relacionamento na comunidade vizinha que visa extinguir o bolsão e lixo existente na Rua Icaraí, Mangueira (FRADE, 2013). Além do lixo, a convivência com o policiamento ostensivo que tira a tranquilidade dos moradores no que propõe uma paz na cidade... O policiamento se adensando progressivamente, o desconforto se acirra em relação ao modo relativo como seus sujeitos são colocados à prova em um crescente estado de violência em que vive a cidade. Não apenas a favela vive esse estado de sítio, estamos todos submetidos a um estado de exceção, situação-limite que aponta Agamben (2003), como refluxos políticos que nos arrastam, e somos engolfados por ondas de choque absurdas. Em equilíbrio delicado entre as diferentes forças que compõem o espaço vivido na favela, onde cada pedaço de chão é disputado por centros de poder divergentes, o lixo parece se apresentar como neutralidade, ou melhor, em negatividade, gerando um vácuo liberador na pressão social vivida intensamente naquele espaço. É essa a hipótese que vamos lançar aqui e buscar testar nesse momento, aproveitando a proposta de uma reunião de pesquisadores envolvidos com ações colaborativas para discutir e aprofundar essa pesquisa. Ao contrário do estado deflagrado pelos protestos na universidade, percebemos uma solução inconsciente de respiro que esse demarca na favela. Ao criar um vazio de sentido - apenas o abjeto, sem forma e sem sentido - como estratégia para esvaziamento do espaço, ao desqualificá-lo, ao torná-lo inabitável, processo de produção de vácuo social que, como trincheira, gera uma região de defesa, fronteira onde os que vivem em situação de risco social podem obter alguma proteção e condição de habitar. A imundície como estado de descolamento do

mundo - exclui-se a organização de cada elemento, a ocupação racional do espaço, a divisão das propriedades, a “partilha do sensível” (RANCIÉRE, 2006). Nada disso está presente, tudo se anula no monturo que vai se compondo com o acúmulo dos mesmos gestos de desprezo – seja de ataque ou defesa – gesto cotidiano que reflete o dito “estou me lixando” como condição de distanciamento moral – não há nada de valor que se possa obter ali... Então esse espaço é servido como representação desta zona negativada. Não é como na obra de Vik Muniz onde os catadores de lixo se debruçam na recuperação de materiais de reciclagem, é o destino final de cada uma das sujeiras deixadas por cada um que se faz depósito. Também não é como no conceito de “não-lugar” de Augé (2012); é menos que isso, é o grau negativo da sociabilidade que o lixo instaura. Por isso a agressividade se soma ao estado de inércia: as coisas se depositam e se deixam ficar, apodrecendo com elas todo o modo vivo deste mesmo lugar.

A imaginação sociológica pensa o lixo como processo de desencantamento (MIOTTO, 2003). Porém, essa representação requer, para o espaço vivido na favela, outra condição imaginante, uma vez que ela mesma nasce do refugio, de reciclagem de materiais e de pedaços e partes de coisas encontradas, bricolagem (JACQUES, 2001); criação sobre o refugio, constituída principalmente sobre o que a cidade descarta. O lixo como material de construção resiste especialmente em sua história, as casas mais recentes já recebem a alvenaria, e esses refugos hoje se contam em algumas peças domésticas ou partes materiais, como uma grade reutilizada, por exemplo.



Espaço transbordante do lixo em ação de protesto estudantil na UERJ em 17 dez. 2014. O lixo chega às ruas e conflagra a paralisação das atividades acadêmicas.

Fonte: < <http://noticias.bol.uol.com.br> >

O incômodo sentido pelas pesquisadoras reflete assim o estado de indiferença com o lixo, estado em que o próprio espaço investido na pesquisa reflete. De um lixo que teima em subsistir, partes são liberadas e ativadas como espaços de convivência. Se, como reflete Serres (Op. cit.), “o próprio é o sujo”, então buscar o que não é de ninguém, ou melhor, o que é de todos, significa deixar limpo. Daí o esforço em catar resíduo, varrer, capinar e permanecer ocupados nesta prática de limpeza. O entendimento de certas práticas de outros coletivos, como lavar escadarias dos prédios e calçadas, começou a fazer sentido ali naquele lugar. E, então, em seguida, o que requer o investimento do tempo em plantar, em pintar e cuidar para que o que não se aceitava (espaço negativo) seja ocupado por um sentido do que é comum a todos e, portanto, se mantenha vazio, no que solicita a afirmação do livre acesso a qualquer um.

### **O universal do gosto e a prática da diferença**

Determinadas práticas sociais como produção artística, memória e história são elementos presentes em todas as culturas. A arte não é sistema de privilégio, mas necessidade profunda dos povos, sendo base e princípio da comunicação humana. Suas diferenças são observadas pela antropologia que afirma na radical concepção culturalista como estamento primordial: “a natureza humana é a cultura” (SAHLINS, 2007). Desenvolvemos neste trabalho um exercício no entendimento sobre a

natureza do pensamento e sensibilidade humana de Kant em seus limites, buscando tratar da questão do Belo e de seu oposto, o abjeto, revisando seu sentido diferenciado dos estamentos do gosto e do bem.

Na pequena, mas conectada Königsberg de meados do século XVIII, cidade que então recebia o fluxo avançado do pensamento europeu desta época, certas condições humanas são pensadas como universais. Nestas especiais condições, a partir de Kant, estaria sendo germinada uma grandiosa escola filosófica que hoje merece revisões profundas. Em nossa breve e cuidadosa reflexão, cuidaremos de experimentar um de seus postulados que marca profundamente a estética contemporânea; este especialmente requisitado pela corrente que trata de produzir relações limite como experiência estética como a dor, o desconforto e a agressão. Vamos posicionar o sentido do abjeto como categoria inversa ao estatuto do Belo, tomando-o assim, como categoria de juízo em sua negatividade, em sua condição de “anti-juízo”<sup>1</sup> ou melhor, como condição de negatividade de juízo, por sua potência agressiva incapacitante.

No Idealismo Transcendental, pensamento que revolucionou toda uma trajetória de filosofia, então envolvida no empirismo e, conseqüentemente, no rompimento com a ciência, Kant elaborou seu pensamento sobre os limites da razão. Em outras palavras, no identificar o que a razão ou somente a experiência não seriam capazes de explicar, o pensador trouxe de volta a importância da filosofia no que diz respeito ao método científico, colocando os holofotes do conhecimento na relação do homem com o mundo a sua volta: “Existem dois mundos: nossos corpos e o mundo externo.” (KANT, 1781). Na Crítica da Faculdade do Juízo (KANT, 1790), esse pensamento se intensifica no campo da metafísica e na criação de uma estética transcendental, em uma abordagem para além da experiência sensível. Pensar o homem enquanto agente modificador de seu meio é o que visa a filosofia de Kant e, no que se aplica a época atual, contribuição de uma crítica que seja vigorosa e abarque as transformações intensas e constantes que tomam lugar em nosso entorno. Na favela, essa condição é ainda mais radical, pois vibra em intensas e contínuas alterações em suas casas e vielas, sendo um espaço em permanente construção. Tocamos neste aspecto quando nosso papel junto ao espaço da

comunidade Mangueira tem sido de proposição de abertura novas configurações de zonas livres, de ativação de espaços perdidos ou demarcados pelo abandono e que se recobrem pelo lixo.

Questionamo-nos sobre possíveis interferências que possam se dar de forma colaborativa, em que os agenciamentos propostos sejam animados por desejos e gostos locais. Assim, quando a poeta mangueirense Helena Sá requer “- Vamos verdejar o morro!”, partimos para os jogos da obra “Lembrancinhas”: quando trocas de mudas de flores, ervas, de criação de canteiros comuns são executados; forma relacional que convoca o outro a se posicionar, mesmo que em uma direção contrária, rejeitando-a. Ainda que estas intervenções sejam contidamente destruídas por aqueles que não as desejam e, neste elo de contradições, neste dialético constrói x destrói, um delicado jogo dialógico seja desenvolvido, e que os sujeitos, em contato pela conformação de sua vontade neste mesmo espaço, estejam, cada um a seu modo, se manifestando sobre aquele lugar antes negativado. Esse exercício em busca de identificação do que é o belo ou bom para cada um conduz, assim, ao estudo das formas subjetivas do gosto.



Na colocação de um grande vaso, mãos se entrelaçam.  
Fotografia: Marcela Antunes

Objetos de negociação nem sempre são bem aceitos e acabam se perdendo. Subsistem poucos elementos no pequeno Jardim na Tia Neuma, seja por ação agressiva de alguns moradores ou do poder público, que insiste em cortar todas as

plantas como “ação de limpeza” na comunidade. Este mesmo vaso foi bombardeado por pessoas da comunidade vizinha, segundo os moradores da Rua Icarai.

O Idealismo Transcendental alemão conversa com a realidade da universidade, das comunidades, do Estado especialmente pelo postulado de como a intervenção individual é uma das causas da natureza no mundo. O particular movido pela liberdade, entendendo-a como instrumento que oferece maior extensão à determinação da vontade, é legislado à priori, ou seja, parte de uma espécie de intuição, que não necessita da experiência, que é espontânea e, portanto, legítima. E que caberia a todo e qualquer ser humano. Não apenas ao esteta, mas o Belo, o Sublime e o Abjeto (aqui elevando assim o negativo do Belo à categoria conceitual a ser pensada dentro deste quadro, testando nossa própria capacidade de contribuir ao pensamento kantiano, como sugerimos anteriormente) são patrimônios universais, classes de juízo que compartilhamos, elementos gerais do julgamento que nos afirmam também como humanidade.

A sensibilidade permite experimentar diretamente coisas particulares no espaço e no tempo, como uma obra de arte dentro do museu, ou manifestações de arte pública nos muros das casas na favela. Assim como explicita o encontro entre pessoas diferentes no modo como experimentamos os pequenos gestos de criação no trabalho colaborativo com a comunidade, exercitando o jogo plástico na jardinagem, no cultivo de uma flor. Segundo o pensamento kantiano, sendo essa faculdade presente em todas as pessoas, compreender como um indivíduo é capaz de afirmar “eu gosto disso” ou “eu não gosto disso” é entendido como intuições, portanto livre de interesses externos, ou influências. A essa autonomia do gosto, Kant chama de “complacência desinteressada”. E tudo que é livre de influências ou opiniões que possam afetar o “gosto” é legítimo.

A condição de liberdade é pressuposto para todos. Exploramos essa perspectiva ao pensarmos sobre o lixo e as formas de morar na Mangueira. Para um morador da favela, a realidade da sua casa é a real, e a relação direta com o objeto morada, assim, é também livre, ainda que este seja um sujeito constringido pela situação econômica insuficiente à sua sobrevivência. No que escolhe, no ato que escolhe para si algo para compor o seu espaço doméstico, este exerce seu estatuto de



sujeito autônomo, demarca nesse pequeno gesto a sua liberdade. O gosto e a motivação à Beleza é, assim, um modo de liberdade importante a ser preservado, ainda que, neste caso, condicionado a escolhas em repertórios diminutos.

### **Do silêncio e da beleza**

[...] Não há nada pior do que não nos amarmos uns aos outros. Nenhum grupo, simplesmente humano, pode justificar o investimento de sua vida, salvo, talvez, o sobrenatural, o super-humano, ou os projetos humanitários globais; em todo o caso, nada autoriza que o sangue de outrem seja derramado. [...] (Michel Serres)

A lei do silêncio significa que cada um sabe de si e que todos devem se silenciar diante do poder. Na favela impera o senso de individualidade submetida, ainda que esta situação seja sustentada por um sentimento de comunhão intenso. A figura mais odiada é o X9, o delator (MIZRAHI, 2014). O complexo sistema relacional que se produz em cada parte e se conduz em cada gesto, implica em um modo superlativo de atenção ao detalhe. É pelos pequenos meandros das tonalidades, das texturas, dos ritmos e sobreposições das formas que se constitui, em uma delicada trama, a arquitetura social na favela. Essa estrutura relacional se estende ao espaço físico e às formas físicas das moradias, tornando visíveis esses aspectos comunitários. A cada área habitada corresponde a um tecido intricado de relações, assim se externalizando em formas subjetivadas dos espaços vividos. O termo “comunidade” se estabelece com o reconhecimento das redes de sociabilidade que estão sempre ativas. Se a casa (o barraco) é o lugar onde se pode falar, onde se constrói o cenário de uma vida em comum (a família) esta é, no território do medo, um ambiente ultravalorizado. Sendo compostas em contínuas mudanças, sempre sendo alteradas, quando um “puxadinho”, um ajuste na laje ou mesmo um todo novo andar é construído, as casas nas favelas são como espécies de obras ativas, permanentemente compostas. Nada está definitivo ou pronto, os espaços se fazem continuamente.



O jogo da construção de fragmentos de visualidades sobre elementos dos espaços domésticos da Mangueira: traços de uma “estética de favela” na composição da obra “Habitação”, do coletivo O Círculo. O dentro e o fora, o todo e o detalhe, a superfície e o volume se desprendem de suas ordens lógicas e adquirem o sentido caosmótico (GUATTARI), resíduo menmônico de percursos em deriva na comunidade. Fonte: arquivo da pesquisa

“O ritmo da favela é veloz” (FRADE, Op. cit, p. 3052); já havíamos notado que sua transformação é contínua; para notar seus movimentos é preciso estar atento aos detalhes e mesmo aos movimentos de trânsito, na animação que faz com que esse grande conjunto de casas seja notado como um agregado de espaços moventes, em contínuo crescimento. Ao observar cada nicho ou parte de uma moradia, se observa os diferentes tempos investidos por cada morador ou família: um janela ou basculante, depois a cortina, o telhado por cima da laje, a escada que também é banco de prosear, o muro e seu portão, tudo está em contínua transformação especialmente em sua parte interna, acompanhando os estados da vida de cada um. Desejamos refletir sobre o estranhamento de cada pessoa ao se sentir deslocado de seu próprio entorno. Mudanças radicais são violentas mesmo quando existe uma melhoria em determinadas condições como, por exemplo, em questões de higiene.

Quando este morador é desalojado e transferido para outro local que não possui os mesmos traços, ele é colocado, à força, à distância de sua própria história, cujo símbolo pode estar encarnado na propriedade do seu lar, demarcadamente seu espaço de liberdade, que possui e é, portanto, assim, legítimo espaço de autonomia.

A memória e a estética são elementos que conversam entre si no que diz respeito à pessoa e na construção de sua história de vida e também da coletividade. O

exercício da prática da diferença compõe uma história de todos esses que poderia ser se em abertura permanente, uma história universal. Esta seria um modelo em constante elaboração, um texto em permanente tessitura, um artefato, uma memória rica de traços estéticos perpetuados pela sensibilidade presente e, portanto, viva na liberdade de cada um.

A lembrança de algo que perdemos pode ser encontrada no gesto alheio, numa aceitação da experiência do outro. Em uma época de grande violência, a escuta se torna preciosa e é estratégia de ação delicada no campo do silenciamento. A cada aproximação, uma imagem se compõe e se soma ao quadro de uma fala coletiva. Feixes de histórias que são criados por nossos impulsos de tratar do espaço comunitário na produção de zonas livres. Transformar o lixo em espaço de convivalidade foi a forma de ação escolhida para agir na Rua Icaraí. O trabalho se desenvolveu na intervenção Jardim da Tia Neuma. O jardim marca o primeiro território livre, espaço disputado com usuários de crack mas que, às tardes, se anima com as crianças, moradores e passantes. Plantio de horta, exercício de grafiteagem, corridas de salto e também onde semanalmente ocorrem as modelagens em argila e de onde seguem as pequenas casas e suas referências ao passado, chegando ao modo de falar, em jogo plástico, da origem da favela.



Modelagem em cerâmica de pequenas casas lembram a história do morro, quando as moradas eram feitas de casa de pau-a-pique. Ainda existem traços desta história, que sobreviveram ao tempo e às ações de despejo e processos de urbanização. A favela conta sua história em suas formas, pelas casas, ruelas e becos, está tudo ali, pedaço por pedaço.

Fonte: acervo pessoal

## **A paz perpétua e a hospitalidade**

Os acontecimentos atuais na cidade, a negligência por parte do poder público com a população menos favorecida assola o cotidiano das pessoas e promove o questionamento quanto ao real poder popular que é “permitido” e de que maneira reivindicar esse direito. Em 1795 Kant escreve *A Paz Perpétua*, texto que examina as condições ideais de uma sociedade regida sob a democracia, tendo como fim último a paz. Dentre as ações propostas, tendo em vista um acordo de paz entre nações, o filósofo teoriza uma prática importante que foi esquecida com o passar dos tempos, e que hoje em dia, é praticamente inexistente na experiência do que é vivido cotidianamente: a garantia de liberdade e respeito entre os indivíduos. Seguindo suas proporções, esses direitos sendo garantidos de maneira justa, acarretariam numa paz mundial mútua.

O morador da favela, infelizmente, é impossibilitado de falar perante o Estado, sua voz é abafada perante a força bruta. Quando Kant fala em democracia<sup>2</sup> como único e possível meio para a paz de Estados, trata-se de estabelecer o princípio de que essa “voz popular” seja ouvida. A paz perpétua é, portanto, ápice do direito humano e como tal intercala conceitos como política, moral e direito. O que conecta necessariamente esses três elementos é a proposta de Kant de que o direito e a moral, enquanto legitimados *a priori*<sup>3</sup>, imponham de modo universal e racional um dever moral e uma coerção de direito aos entes políticos, seja na política interna (cidadãos) ou na política externa (Estados) para que os mesmos possibilitem uma condição jurídica visando o estabelecimento da paz. Isso não é uma imposição para um ou dois indivíduos, segundo Kant, ou para um ou outro Estado, mas um imperativo categórico<sup>4</sup> que se lança a todos. Quando o Estado intervém nas localidades, não há questionamento, nem respeito ao direito do próximo de ser ouvido, de expor sua indignação por perder sua casa que foi construída com trabalho e suor. A população precisa estar atenta ao descaso humano e a posição arbitrária e violenta da ação policial na comunidade. A política da boa-vizinhança também está presente na obra kantiana, e num mundo ideal, deveria estar presente cotidianamente.



Jogos de montagem no processo de criação da obra “Habitação”

Em momentos de encontro, a memória é ativada pelos dizeres de quem recorda ou guarda a memória dos tempos. Explorar adensamentos ou sobreposições destes objetos implica, nestes movimentos, no refletir sobre o próprio espaço da comunidade em forma lúdica.

### **A condição comum do belo**

Ainda se poderia pensar no Belo como fonte do Bem, na medida em que o respeito a cada escolha, mesmo que para outros possa parecer tosca ou inapropriada, afirma o que cada um possui, em última instância, como seu Bem Maior: a liberdade. Os valores de liberdade ou de abrigo, a proteção seja da casa, da família ou na rua, em enlace afetivo da coletividade se manifestam como desejo comum. A liberdade como o Bem Maior, afirmado por todos produz, assim, o trabalho de uma estética pessoal e seu ajuizamento no âmbito social. Seu aspecto ético incide no juízo sobre o justo como aquilo que é comum, como o que é de todos, na afirmação da condição ímpar de cada ser. Sobre o que se pode sugerir como encaminhamento de uma estética comunitária, princípio sobre uma produção comum de Bem-Estar, é a vinculação ao interesse gregário, o que os leva à levitação do sentido de sublime entre estes que estão vivendo na favela. “Junto ao mesmo, nem o sentido exterior pode ser corrompido pelo estímulo nem o ânimo pode ser conquistado pela comoção, isto é, por movimento que provém da disposição ética.” (SCHLEGEL, 2014, p. 73). Assim, Schlegel pensa parte da obra kantiana que requer, para este filósofo, tratar do Belo em um grau mais elevado. Esta reflexão nos serve, hoje também, para pensar o comum e construir a paz. Aliás, para Schlegel, o problema era Kant não ter dado

maior valor ao Belo, conferindo a esse um sentido incompleto, ainda frágil. A transcendência em Kant estava, para Schlegel, não totalmente afirmada. Neste aspecto, buscamos exatamente o que este filósofo considera como debilidade: o gosto na relação com a vida comum. O nosso recurso a Kant exige a aceitação da condição de igualdade intrínseca que este assinala, de partida, pela predisposição unívoca ao estado que é, em seu âmago, o sentido da aceitação da subjetivação ímpar das verdadeiras escolhas. Isso significa o respeito profundo à diferença e o estabelecimento de um valor paradigmático dado à individualidade como condição de ajuizamento pessoal. É, assim, inquestionável do ponto de vista ético é o seu respeito a todo e qualquer modo de gosto e a capacidade que cada um teria de escolha ao que deseja para si. Sob este aspecto, a imposição do gosto e do bem é, resistente a todo e qualquer argumento, uma violência a essa mesma liberdade.

### **O artista como espectador**

Aqui postamos uma pequena homenagem ao artista José Kinceler e à sua obra Horta Vertical, instalada na Mangueira em 2012, e de quem seremos sempre devedores por seus afetos, projetos, escritos, provocações e contribuições. Esse que é o espaço do artista não artista, que é o nosso e que Kinceler, em seu constante e estimulante incentivo, apoiou no progressivo adensamento da obra, ainda que estivemos mergulhados em problemas advindos do contexto de violência local extrema e tateando nessa experiência da arte pública relacional ou complexa, como ele a pensava (2011). É que cabe aqui o espaço vazio que é deixado em convite à ação de outros artistas, artistas-artistas e artistas-não artistas ou pessoas comuns que, como nós, querem produzir a liberdade da arte. E mesmo a todos da própria comunidade, criando em seus jogos de vida, especialmente as rodas de conversa e as brincadeiras das crianças na rua. Sendo assim, experimentamos o retorno a Kant pelo que advém, nesta atitude, no respeito e encantamento ao outro que é devido ao reconhecer, em cada um, a liberdade que nos é própria.

## Notas

<sup>1</sup> O gostar ou não gostar, o positivo e o negativo estão ligados ao juízo, pois ele é uma espécie de potencializador do gosto ou do desgosto, o sentido de anti-juízo proposto seria como uma condição de negatividade do juízo.

<sup>2</sup> KANT, Immanuel. *A Paz Perpétua, Um Projeto Filosófico*. Textos Clássicos de Filosofia. Covilhã, 2008.

<sup>3</sup> "A priori (expressão latina: anterior à experiência) Que é logicamente anterior à experiência e dela independe. Em Kant, são a priori, quer dizer, universais e necessárias, as formas ou intuições puras da sensibilidade (espaço e tempo), as categorias do entendimento e as ideias da razão." In: Dicionário Básico de Filosofia. 3ª edição. Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro, 2011.

<sup>4</sup> "Imperativo categórico: princípio ético formal da razão prática, absoluto e necessário, fundamento último da ação moral, segundo Kant, expresso pela seguinte fórmula: Age de tal forma que a norma de tua conduta possa ser tomada como lei universal." In: Dicionário Básico de Filosofia. 3ª edição. Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro, 2011.

## Referências

AGANBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

AUGÉ, Marc. *Os Não Lugares – introdução à uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 2012.

FRADE, Isabela. *Acervo – experiências afetivas e materialidades do lugar*. ANAIS XXII ANPAP. Belém, UFPA, 2013. <http://anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/06/Isabela%20Frade.pdf> p. 3051 - 3065. Acesso em 25 de maio de 2015. p. 3051–3065.

GUATTARI, Felix. *Caosmose – um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

JACQUES, Paola Berenstein. *A estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2001.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. *A paz perpétua: um projeto filosófico*, in: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. Artur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

KINCELER, José Luiz. Horta Vertical-Saber: uma plataforma de desejos compartilhados em arte pública. [http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/jose\\_luiz\\_kinceler.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/jose_luiz_kinceler.pdf)

MIOTTO, Luciana. *Ambientalismo e Mercado: Parceiros no desenvolvimento sustentável? Uma análise sobre o processo de reciclagem de lixo*. In ANAIS do XI Congresso Brasileiro de Sociologia. 2003. [http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=91&limit=50&limitstart=0&order=hits&dir=DESC&Itemid=171](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=91&limit=50&limitstart=0&order=hits&dir=DESC&Itemid=171) Acesso em 25 de maio de 2015.

MIZRAHI, Milene. *A Estética Funk Carioca*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do sensível*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SAHLINS, Marshall. *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

SERRES, Michel. *O Mal Limpo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

---

\_\_\_\_\_. *Narrativas do Humanismo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SCHLEGEL, August. *Doutrina da Arte*. São Paulo: EDUSP, 2014

### **Isabela Frade**

Docente do Instituto de Artes da UERJ. Pesquisadora Procientista FAPERJ. Líder do Grupo de Pesquisa Observatório de Comunicação Estética (OCE – CNPq). Coordenadora do projeto extensionista Cerâmica Viva. [isabelafrade@gmail.com](mailto:isabelafrade@gmail.com)

### **Irene Amarante Pereira**

Estudante de Filosofia na UERJ (2012) e bolsista de Iniciação Científica PIBIC no projeto Terra, Arte & Vida: Saberes Partilhados, Laços Comuns e Ações Ambientais, orientada pela professora Isabela Frade, no Instituto de Artes da UERJ.